

**Samuel Nhamatate** nasceu em Maputo, Moçambique. É actor e bailarino, graduado em Teatro pela Escola de comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane. Em 2006, por iniciativa do actor Dativo José, fundou o grupo de teatro Ximbitana, que ganhou o 1º lugar num concurso de teatro em Maputo. Em 2009, juntamente com o grupo Ximbitana, fundou o grupo de danças tradicionais Nyembeti. No mesmo ano surgiu um grupo de canto coral designado Lulan's chois. Em 2010, foi convidado a trabalhar num projecto como actor bailarino no Centro Cultural Franco Moçambicano. Desde então, tem participado em gravações de rádio novelas e séries de televisão, assim como na divulgação do curso de teatro na Universidade Eduardo Mondlane. Integrou o elenco de "Os meninos de Ninguém" (2015/16), do grupo Mutumbela Gogo, participando em festivais de teatro no Brasil, Alemanha, Itália e Portugal. Participou nos espectáculos "Chapa Cem My Love" e "As Mãos dos Pretos", da mesma companhia. É membro, desde 2014, da associação pró-comunitária Khanyisa, como monitor de danças tradicionais e teatro comunitário. Em 2015, tornou-se monitor da cadeira de Movimento no curso de licenciatura em teatro da Universidade Eduardo Mondlane e, no ano seguinte, começou a dar aulas de teatro no colégio Educare e Nyamunda. Actualmente, é assistente estagiário da cadeira de movimento na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane.



**Fábio Costa** é Licenciado em Interpretação pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE) do Porto desde 2014. Protagonista nos documentários do realizador Miguel Costa: "O Jornal do Fundão", "Francisco Lyon de Castro – Maior que a censura", "João Ferreira de Almeida, o Primeiro tradutor da bíblia para Português" e na curta-metragem "Um SMS para Antígona", do mesmo realizador. Integrou também as séries "Causa Própria" (RTP) e "A Filha" (TVI). É actor no Teatro da Rainha desde 2014, onde fez: "A Morte de um DJ", de Jean-Pierre Sarrazac, "O Triunfo de São Martinho", de Gil Vicente, "A Paz", de Aristófanes, "A cidade dos pássaros", de Bernard Chartreux, "O discurso sobre o filho-da-puta", de Alberto Pimenta, "Planeta Vinil", de Cecília Ferreira, "Lázaro, também ele sonhava com o El Dorado" e "Ajax, Regresso(s)", de Sarrazac, "Às duas horas da manhã", de Falk Richter, "Jorge Patego", de Molière, entre muitos outros com encenação de Fernando Mora Ramos. "O resto já devem conhecer do cinema", de Martin Crimp, com encenação de Fernando Mora Ramos e Nuno Carinhas, espectáculo coproduzido entre o Teatro da Rainha e Teatro Nacional São João. Recentemente, fez "Na República da Felicidade", de Martin Crimp, também coproduzida entre o TdR e o TNSJ, e "A Noite dos Visitantes", de Peter Weiss, uma coprodução do Teatro da Rainha com o Teatro das Beiras.



**UM  
ESTRANHO  
CORPO  
DÁ  
AO PALCO**



## Um estranho corpo dá à cena

Este exercício põe em cena o outro, o estranho corpo, o estrangeiro. No corpo do migrante existe a multidão anónima dos que fogem de guerras e da fome. É sobre esse estranho que esta reflexão ficcionada como parábola didática entremeada de diálogos, tenta revelar o que não chega a ser dito no espaço público, desde logo minado pela negação dessa revelação a não ser nas bordas do escândalo, quando um polícia mata alguém, quando outros espancam quem nas estufas ganha um magro salário logo engolido pelos traficantes que os exploram e pelos senhorios que lucram vendendo camas como casas.

A morte sucessiva dos que surgem a boiar no Mediterrâneo, ou dos que viajam em camiões apinhados, só é notícia como algo inelutável que se repete, a notícia ensina-nos a impotência e a cultivar a indiferença. Nenhum nome é referido, nenhuma biografia, nenhum morto tem rosto, nenhum estranho é cidadão. A notícia é uma não notícia, a repetição de uma loucura que reside na vontade cega dos que se aventuram mar fora em barcos de afundar. São suicidas, dirá o sensato consumidor de narrativas manipuladas, sentado no seu sofá confortável de racionalidades e molas olhando o ecrã.

Esta representação é sobre a condição migrante enquanto direito à existência, contra as lógicas sobreviventes.

Posso dizer eu? Diz o estranho corpo.

Posso dizer o que penso, posso?

Alguém vindo dos confins do Índico, lá das terras do Hipopótamo e do marfim traficada, atravessa meio planeta, violências e territórios desertos de vida, para aterrar num palco, lugar de ficção, pátria abstracta de todas as narrativas, mas também lugar de convenções, de uma tradição cultural.

Que sucederá a seguir a essa intempestiva entrada em cena?

Em cena, o autor prevê o que se venha a passar, mas o ser que entra em cena procura-se tanto na memória quanto no presente e não abdica de dizer “sou eu”, mesmo que o faça com a delicadeza tímida dos que quase perdem a voz nos trágicos trajectos em que se constituem as suas fugas.

*Fernando Mora Ramos*



## UM ESTRANHO CORPO DÁ AO PALCO

M/12 | 45'

**Autor:** Fernando Mora Ramos

**Encenação e dispositivo cénico:** Fernando Mora Ramos

**Luz:** Hâmbar de Sousa

**Som:** Raquel Capitão

**Pano terra:** Bartolomeu Gusmão

**Figurino de Samuel Nhamatate:** Rebeca Vendrell

**Interpretação:** Fábio Costa, Samuel Nhamatate

**Criação de imagem e design gráfico:** José Serrão

**Coordenação técnica:** Hâmbar de Sousa

**Coordenação de produção:** Ana Pereira

**Produção executiva:** Rebeca Vendrell

**Apoio à produção:** Carlota Rodrigues, Fernando Lopes e Mariana Silvério\*

**Montagem e construção do cenário:** Hâmbar de Sousa e Raquel Capitão

**Operação de luz:** Hâmbar de Sousa

**Operação de som:** Raquel Capitão

**Comunicação e públicos:** Henrique Fialho e Nuno Machado

**Fotografia:** Paulo Nuno Silva

**Secretariado:** Teresa Almeida

\* Estagiários do curso de Teatro da ESAD.